

02-09-2020

## Como num passe de mágica, “agora você vê”: a visibilidade dos trabalhos essenciais durante a pandemia

**Diego de Oliveira Souza**

[Doutor em Serviço Social/UERJ. Professor do PPGSS-UFAL/  
Maceió e da graduação em Enfermagem/UFAL/Arapiraca]

“Agora você vê” é uma expressão comum no mundo da mágica, inclusive frequentemente utilizada para títulos de filmes que tratam do tema. Denota um “poder” de fazer desaparecer e reaparecer objetos e pessoas, sendo truque imprescindível no arsenal de qualquer ilusionista que se preze. Aqui recorremos ao uso da expressão a fim de refletir sobre algumas atividades que ganharam maior visibilidade no contexto da pandemia de Covid-19. Com a necessidade do distanciamento social para evitar a propagação do novo coronavírus, vários serviços, empresas e comércios ficaram fechados por um tempo. Quem pôde, ficou mais tempo em casa, em teletrabalho, ou reduziu a jornada fora de casa.

Isso provocou alterações no tamanho e na velocidade das demandas cotidianas, por exemplo: nunca se pediu tanta comida para ser entregue em casa, gerando um grande fluxo de entregadores pelas ruas. Algumas pessoas, estando mais tempo em casa, também puderam se dar conta da problemática que é a produção diária de lixo, até porque se disparou um debate sobre a segurança dos profissionais responsáveis pela limpeza urbana e coleta de resíduos, em face da exposição ao novo coronavírus possivelmente presente no que é descartado pelas pessoas. A redução das atividades desses profissionais nos obrigou a perceber sua importância, assim como fortaleceu as reflexões sobre a quantidade de coisas que descartamos. No caso dos trabalhadores de saúde, é até ocioso explicar as razões de sua maior visibilidade ante uma pandemia, com elevado número de mortes e sistemas de saúde lotados. Diante de uma emergência de saúde pública, esses trabalhadores estão na primeira fileira do *front*.

Aqui citamos três casos, mas existem outras atividades que se mantiveram trabalhando intensamente durante a pandemia e, inclusive, ganharam mais atenção da sociedade, espaço na mídia etc. Parece que, como num passe de mágica, a sociedade descobriu que essas atividades são essenciais, ainda que não figurem entre as de maior prestígio ou salários. Essa maior visibilidade teve alguma importância para essas categorias, considerando a oportunidade de avançar com certas pautas de luta. Vimos, por exemplo, manifestações inéditas por parte de entregadores de aplicativo. E vimos, ainda, trabalhadores de Enfermagem pressionando por velhas questões, a exemplo

do piso salarial e da jornada semanal de 30 horas.

Nós, que estamos do lado da classe trabalhadora, devemos apoiar e reconhecer a importância desse processo, mas também ver suas limitações, sobretudo porque, como se sabe, um passe de mágica é sempre um grande jogo de ilusão. A suposta visibilidade parece não ter consistência, pelo menos não a ponto de transformar estruturalmente as atividades tornadas visíveis no “palco” da pandemia. Tudo não passa de um truque: não podemos nos iludir e achar que a partir daqui a sociedade que vive de aparências passará a valorizar aquilo que é essencial. Passados os momentos de maior medo e de suspensão do cotidiano “normal”, pouco em pouco, voltaremos a ficar ludibriados pelos velhos truques do capital, ainda que em uma nova roupagem.

Não nos espantemos quando a mídia esquecer dos garis ou dos entregadores, pois parece que isso só vira assunto quando não se tem as superficialidades de sempre para encher as redes sociais. Todavia, o “novo normal” logo se revelará velho, pelo menos naquilo que é essencial.

O grande ilusionista, nesse passe de mágica, é o capital, pois para ele o essencial é garantir sua produção/reprodução. Para tanto, ele consegue capturar as contingências sociais a seu favor e aparece/desaparece com aquilo que lhe convém, quando lhe convém.

Aliás, não devemos esquecer o decisivo truque desse grande ilusionista, pois há tempos ele consegue convencer a todos (ou a maioria necessária) de que a riqueza produzida na sociedade é, por direito, daqueles que não a produziram, simplesmente porque possuem os meios de produção. Aqueles que de fato inserem algo novo no mundo (produzem valor); isto é, aqueles que trabalham e produzem a riqueza social, como num sombrio passe de mágica, ficam sempre mais pobres. Que eles sejam ora enxergados, ora pautados pela mídia, não implica, por si só, avanços na ruptura desse mecanismo.

Dar um basta nesse truque depende, sobretudo, dos próprios trabalhadores, mas isso exige sair da posição de espectador da ilusão e assumir o papel de sujeito revolucionário. Não será a pandemia ou um fantástico “novo normal” que dará visibilidade e fará prevalecer o que é essencial sobre o que é fugaz, mas, sim, a luta de classes! Construir os caminhos objetivos e subjetivos para essa tarefa ainda é um desafio, mas que pode ficar menos distante quando se enxergar que mágica não existe e que o poder do ilusionista só se sustenta enquanto há iludidos. Não existe capital sem trabalho; a existência daquele depende da existência deste!

Ao se revelar esse “segredo”, quem sabe, um dia, o feitiço vire contra o feiticeiro. Lutemos! ■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*